



## “O capitalismo dentro de nós”: um estudo das relações entre percepção, mídia e trabalho flexível

“Capitalism within us”: a study of the relations between perception, media, and flexible work

“El capitalismo dentro de nosotros”: un estudio de las relaciones entre la percepción, los medios de comunicación y el trabajo flexible

**Rodolfo Rorato Londero** - Universidade Estadual de Londrina | Londrina | Paraná | Brasil | [rodolfo@hotmial.com](mailto:rodolfo@hotmial.com) |  <https://orcid.org/0000-0002-4358-2114>.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é compreender as transformações da percepção ao longo do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, privilegiando as relações entre atenção, mídia e trabalho flexível. Visando superar o determinismo tecnológico presente em algumas historiografias consagradas no campo da comunicação, este artigo elege a categoria de trabalho para compreender as transformações perceptuais, mostrando como novas formas de exploração da força de trabalho conduzem a novas exigências físicas e mentais dos trabalhadores. Baseado em pesquisa bibliográfica, na leitura de Crary (2014), Safatle (2015), Lowe (1982), Manovich (1995), entre outros autores, este artigo destaca o trabalho contemporâneo, flexível e imaterial, e o papel da mídia para estimular formas de atenção historicamente necessárias.

**Palavras-chave:** Percepção. Mídia. Trabalho flexível.

**Abstract:** The aim of this paper is to understand transformations of perception during the development of capitalist productive forces, privileging relations between attention, media, and flexible work. Aiming to overcome the technological determinism present in some historiographies established in the field of communication, this paper chooses the category of work to understand perceptual transformations, showing how new forms of exploitation of the labor power lead to new physical and mental demands of workers. Based on bibliographic research, reading authors such as Crary (2014), Safatle (2015), Lowe (1982), Manovich (1995), among other, this paper highlights contemporary, flexible and immaterial work, and the role of the media in stimulating historically necessary forms of attention.

**Keywords:** Perception. Media. Flexible work.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es comprender las transformaciones de la percepción a lo largo del desarrollo de las fuerzas productivas capitalistas, privilegiando las relaciones entre la atención, los medios de comunicación y el trabajo flexible. Con el objetivo de superar el determinismo tecnológico presente en algunas historiografías en el campo de la comunicación, este artículo elige la categoría de trabajo para comprender las transformaciones perceptivas, mostrando cómo



las nuevas formas de explotación de la fuerza de trabajo conducen a nuevas demandas físicas y mentales de los trabajadores. Basado en investigaciones bibliográficas, de autores como Crary (2014), Safatle (2015), Lowe (1982), Manovich (1995), entre otros, el artículo destaca el trabajo contemporáneo, flexible e inmaterial, y el papel de los medios de comunicación en la estimulación de formas de atención históricamente necesarias.

**Palabras clave:** Percepción. Medios de comunicación. Trabajo flexible.

Nos textos de Marx não me interessa tanto a descrição da economia exterior e de suas "leis", senão sobretudo o capitalismo dentro de nós (Alexander Kluger, filme: Notícias da Antiguidade Ideológica).

 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n20p166-190>

Recebido em dezembro 2020 – Aprovado em abril 2021.



## 1 Introdução

“A *formação* dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui” (MARX, 2004, p. 110, grifo do autor). Essa conhecida frase dos Manuscritos econômico-filosóficos propõe um problema que pretendemos abordar ao longo deste artigo: quais são as relações entre a forma da percepção e o desenvolvimento sócio-histórico? Acreditamos que a própria frase oferece uma pista importante, pois Marx nos fala em “um trabalho”. Como se sabe, a abordagem dialética do conceito de trabalho na obra marxiana compreende não apenas a transformação da natureza externa, mas também a transformação da própria natureza do trabalhador: “Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2011, l. 327). Nesse sentido, retomando a frase dos manuscritos, o desenvolvimento do trabalho também transforma a natureza do trabalhador, em especial os cinco sentidos. O que nos interessa neste artigo é entender essa transformação, privilegiando as relações entre percepção, mídia e trabalho flexível.

Zerzan (2016) mostra como há uma longa tradição de pensadores interessada em compreender o adestramento dos sentidos, principalmente visando à conversão do indivíduo em instrumento de trabalho (ZERZAN, 2016, p. 17). Marcuse (1975), por exemplo, demonstra como o desenvolvimento irreprimido dos sentidos de contiguidade (olfato e paladar) inviabilizaria a utilização social do corpo como instrumento de trabalho, pois o prazer espontâneo e imediato proporcionado por esses sentidos são incompatíveis com a efetividade da dominação organizada (MARCUSE, 1975, p. 53). Esse processo de domesticação dos sentidos nos acompanha desde a origem da civilização. A respeito da modernidade capitalista, ao identificar a atenção como problema central, Crary (2014) percebe como a crise cíclica do capitalismo também se define a partir de novas soluções para enfrentar esse problema:



No momento em que a lógica dinâmica do capital começou a enfraquecer de maneira drástica qualquer estrutura estável ou durável da percepção, essa lógica impôs ou procurou impor simultaneamente um regime disciplinar de atenção. Foi no final do século XIX, nas ciências humanas e em particular no campo nascente da psicologia científica, que o problema da *atenção* tornou-se uma questão fundamental. A centralidade desse problema estava diretamente ligada ao surgimento de um campo social, urbano, psíquico e industrial cada vez mais saturado de informações sensoriais. A desatenção, em especial no contexto das novas formas de produção industrial em grande escala, começou a ser tratada como um perigo e um problema sério, embora, com frequência, fossem os próprios métodos modernizados do trabalho que produzissem essa desatenção. Seria possível dizer que um aspecto crucial da modernidade é uma crise contínua da atenção, na qual as configurações variáveis do capitalismo impulsionam a atenção e a distração a novos limites e limiares, com a introdução ininterrupta de novos produtos, novas fontes de estímulo e fluxos de informação, respondendo em seguida com novos métodos para administrar e regular a percepção (CRARY, 2014, p. 35-36, grifo do autor).

O problema da atenção não surge aqui por acaso, pois acreditamos que ele reúne as relações entre percepção, mídia e trabalho que pretendemos explorar neste artigo. A chamada “economia da atenção” mostra justamente como esse problema se encontra no centro das preocupações (capitalistas) contemporâneas, pois ela aborda não apenas o conhecido problema da audiência, pulverizada e sobrecarregada devido à dispersão do conteúdo em várias mídias, mas também o problema do trabalho, também pulverizado e sobrecarregado devido ao acúmulo de tarefas e informações.

Para o propósito deste artigo, nos interessa entender justamente esse tipo de atenção exigido pela atual configuração do trabalho. Compreendemos essa configuração a partir da discussão apresentada por Safatle (2015): se antes valores como “segurança, estabilidade, respeito à hierarquia e à especialização” determinavam a identidade do trabalho industrial, a identidade do atual trabalho é marcada por valores como “capacidade de enfrentar riscos, flexibilização, maleabilidade,



desterritorialização resultante de processos infinitos de reengenharia” (SAFATLE, 2015, p. 38). Ainda segundo Safatle, esses valores correspondem ao chamado “trabalho imaterial”, caracterizado não pela “produção de objetos previamente definidos”, mas pela “gestão contínua de fluxos de informação” e pela “interação comunicacional” (SAFATLE, 2015, p. 39). Portanto, qual é a forma da percepção correspondente a esse trabalho flexível e imaterial?

Para responder essa pergunta, este artigo adota a pesquisa bibliográfica como metodologia, baseando-se em Crary (2014), Safatle (2015), Lowe (1982), Manovich (1995), entre outros autores. No primeiro tópico, buscamos traçar os fundamentos de uma história da percepção, privilegiando as transformações decorrentes do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas ao longo da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. No segundo tópico, abordamos as transformações recentes, relacionadas ao trabalho flexível e imaterial. No terceiro tópico, discutimos o papel da mídia para estimular formas de atenção necessárias ao aprimoramento da força de trabalho contemporânea. Nas considerações finais, traçamos algumas reflexões sobre os limites e o futuro das relações entre percepção, mídia e trabalho.

## **2 História (capitalista) da percepção**

Dentro dos estudos da comunicação, certamente é atribuído a McLuhan (1969) o desenvolvimento teórico não apenas de uma história dos meios de comunicação, mas também de uma história da percepção. É conhecida sua concepção cíclica da história, compreendendo a sucessão entre as etapas oral, manuscrita, tipográfica e eletrônica como um ciclo que privilegia determinados sentidos: o tato/audição, a visão e novamente o tato/audição. Como mostra Jameson (1974), o interesse em abordagens como a de McLuhan reside em seu apelo materialista, mas em nada elas se assemelham à historiografia marxista, pois “elas oferecem uma



sensação de concretude comparável ao assunto econômico, ao mesmo tempo em que dispensam qualquer consideração sobre os fatores humanos de classes e organização social da produção” (JAMENSON, 1974, p. 74). É justamente por causa dessa carência, em considerar os fatores sociais e econômicos, que essas abordagens sofrem a crítica de determinismo tecnológico. Para Williams (2016, p. 139), “o determinismo tecnológico é uma noção insustentável, porque substitui as intenções econômicas, sociais e políticas pela autonomia aleatória da invenção ou por uma essência humana abstrata”. Na verdade, ainda segundo Williams, a tecnologia não é exclusivamente determinante nem determinada, pois a “determinação é um processo social real, mas nunca um conjunto de causas completamente controladoras e definidoras” (WILLIAMS, 2016, p. 139). Ou seja, não podemos resumir o problema da determinação a partir de relações de causa e efeito.

Em *History of Bourgeois Perception*, Lowe (1982) busca elaborar uma história da percepção mais próxima da historiografia marxista, contudo, sem prescindir de outras abordagens. O objetivo é oferecer um panorama das transformações perceptuais ao longo do século XIX e começo do século XX, bem como um método historiográfico. Sobre o método, Lowe compreende sua história da percepção a partir de três fatores: (1) os meios de comunicação; (2) a hierarquia dos sentidos; e (3) a ordem epistêmica (LOWE, 1982, p. 1-2). Para Lowe, cada um desses fatores incide sobre um elemento do processo de percepção: a hierarquia dos sentidos delimita o sujeito da percepção, os meios de comunicação enquadram o ato de perceber e a ordem epistêmica organiza o conteúdo perceptível (LOWE, 1982, p. 12). A partir desses fatores, Lowe estabelece relações visando classificar os períodos da história ocidental.

Sobre o primeiro fator, bastante privilegiado em seu método, Lowe apresenta uma breve história dos meios de comunicação que em nada difere da abordagem McLuhaniana (na verdade, Lowe se utiliza da obra de Ong, aluno de McLuhan) (LOWE, 1982, p. 2-5). Sobre o terceiro fator,



apoiado no conceito foucaultiano de episteme, Lowe busca compreender as regras epistêmicas que governam cada período histórico e como elas determinam condições de percepção específicas (LOWE, 1982, p. 9-12). Também apoiado no mesmo conceito foucaultiano, Deleuze afirma que “cada formação histórica vê e deixa ver tudo que pode, em função de suas condições de visibilidade” (DELEUZE *apud* CATALÀ-DOMENÈCH, 2011, p. 22). Ainda que esse argumento impeça a naturalização dos sentidos, indicando os condicionantes históricos, não podemos considerar o sujeito como um meio inerte, preso às condições de percepção: nas palavras de Merleau-Ponty (2011, p. 285), “o sujeito da sensação [...] é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele”. Ou seja, não é a formação histórica que deixa esse sujeito ver, mas é ele quem faz ver a partir de certos meios e condições determinantes.

Deixamos o segundo fator por último, pois nele encontramos as principais dificuldades. Lowe mostra como “mudanças na cultura dos meios de comunicação leva, no final das contas, a mudanças na hierarquia dos sentidos” (LOWE, 1982, p. 7), mais uma vez não diferindo da abordagem mcluhaniana, em especial das relações de causa e efeito próprias do determinismo tecnológico. Contudo, ao contrário da abordagem mcluhaniana, a conclusão de Lowe não aponta para uma nova oralidade como resultado da cultura dos meios eletrônicos, mas para uma extensão da visão e da audição, promovendo uma “realidade” independente dos demais sentidos (LOWE, 1982, p. 9). Mas qual é o propósito dessas transformações?

Se quisermos resgatar algum propósito para a história da percepção, e não deixá-la nas mãos do desenvolvimento tecnológico aleatório, precisamos reconhecer formas específicas de exploração da força de trabalho pelas classes dominantes. A respeito da produção industrial, Negt e Kluge (1993) mostram como a divisão do trabalho fragmentou o sistema perceptivo: “tal divisão do trabalho entre as várias capacidades de recepção era, junto com a especialização dos sentidos,



necessária a uma etapa particular da produção capitalista – a etapa do processo de produção referida como ‘Taylorismo’ (NEGT; KLUGE, 1993, p. 153). Ou seja, a especialização do trabalho em atividades específicas e a especialização dos sentidos caminham juntas, ambas impulsionadas pelas necessidades da produção industrial taylorista. Por sua vez, o desenvolvimento da mídia tradicional (os meios de comunicação de massa em geral, como livros, jornais, filmes e televisão) acompanha a especialização dos sentidos, pois “a organização da mídia tradicional corresponde a [...] uma organização [do aparelho sensorial] que não foi originalmente criada pela mídia” (NEGT; KLUGE, 1993, p. 153). Contrariando a abordagem mcluhaniana, Negt e Kluge compreendem os três processos (divisão do trabalho, especialização dos sentidos e desenvolvimento da mídia tradicional) como um mesmo processo geral determinado pelas necessidades da produção industrial taylorista.

Em um dos capítulos de sua história da percepção, Lowe (1982) também mostra como a fábrica padronizou o trabalho, dividindo-o e simplificando-o em uma série de movimentos sucessivos. Essa racionalização imposta pela administração científica de Frederick Taylor aumentou “o abismo entre o tempo mecânico do trabalho industrial e o ritmo psicológico do ser humano” (LOWE, 1982, p. 37). Ainda segundo Lowe, “anteriormente, o tempo do trabalho dependia do ritmo orgânico do ser humano. Agora, contudo, na fábrica, o ritmo psicológico do trabalhador é sacrificado em prol do tempo artificial da máquina” (LOWE, 1982, p. 36). O conhecido ensaio de Thompson (1998), “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”, mostra como o trabalho pré-industrial, em grande medida, se orientava por tarefas, e não pela sincronização imposta pelo tempo mecânico. Ou seja, as tarefas determinavam a duração e ritmo da jornada de trabalho, e não um tempo e ritmo pré-estabelecidos pelo relógio e pela máquina: “Daí temos a irregularidade característica dos padrões de trabalho antes da introdução da indústria em grande escala movida a máquinas. Segundo as exigências



gerais das tarefas semanais ou quinzenais [...], o dia de trabalho podia ser prolongado ou reduzido” (THOMPSON, 1998, p. 280). Portanto, mesmo antes da administração científica de Taylor, houve muita repressão e propaganda para desfazer essa orientação por tarefas e impor a disciplina de trabalho baseada no uso econômico do tempo (THOMPSON, 1998). Tudo isto colaborou para o processo de divisão de trabalho e especialização dos sentidos descrito por Negt e Kluge (1993), culminando na produção industrial taylorista.

Dentro do contexto acima referido, podemos compreender a especialização dos sentidos não apenas como a ênfase em determinados sentidos demandada por atividades específicas, mas também como a ênfase em determinadas faculdades cognitivas, especialmente a atenção. Na verdade, a noção de especialização parece caracterizar a definição psicológica clássica de atenção, defendida por William James em 1890: “[a atenção] implica na retirada de algumas coisas com a finalidade de lidar efetivamente com outras” (JAMES, 1952, p. 375). Ou seja, a atenção implica em especializar momentaneamente a percepção e a consciência em determinado objeto ou atividade. Contudo, não podemos aceitar naturalmente essa definição de atenção sem problematizá-la historicamente:

Desse modo, o problema da atenção não dizia respeito a uma atividade neutra e atemporal como a respiração ou o sono, mas estava ligado ao surgimento de um modelo específico de comportamento, com estrutura histórica – um comportamento articulado, com base em normas sociais determinadas e que era parte da formação de um ambiente tecnológico moderno. [...] Esse problema foi elaborado no contexto de um sistema econômico emergente que demandava a atenção do sujeito num amplo leque de novas tarefas produtivas e espetaculares, mas cujo movimento interno foi erodindo continuamente as bases de qualquer atenção disciplinar. Parte da lógica cultural do capitalismo exige que aceitemos como *natural* o ato de mudar nossa atenção rapidamente de uma coisa a outra. O capital, como processo de troca e circulação aceleradas, produziu no



homem essa capacidade de adaptação da percepção, e tornou-se um regime de atenção e distração recíprocas (CRARY, 2014, p. 52-53, grifo do autor).

Antes do século XIX, quando o trabalho ainda se orientava majoritariamente por tarefas, a atenção não poderia desempenhar um papel relevante, visto a irregularidade dos padrões de trabalho destacada por Thompson (1998). É somente a partir da produção industrial que a atenção disciplinar torna-se uma necessidade histórica, pois o trabalhador dela dependia tanto para operar de acordo com o ritmo da máquina, quanto para não perder um braço ou uma perna. As páginas d'O Capital apresentam alguns depoimentos interessantes para ilustrar essa centralidade da atenção, como esta declaração de um fabricante inglês: "comparado com o de outrora, o trabalho que agora se executa nas fábricas cresceu muito em virtude da atenção e da atividade maiores que a velocidade aumentada da maquinaria exige do operário" (MARX, 2011, I. 596). Ou este trecho retirado de um jornal que publicava manchetes sensacionalistas sobre "acidentes temíveis e fatais" e "tragédias terríveis": "Qualquer um sabe as consequências que se podem obter se a atenção do maquinista e do foguista se desvia um instante de sua tarefa. E como poderia ser diferente, dado o prolongamento desmedido do trabalho, no clima mais rigoroso, sem pausa e períodos de descanso?" (MARX, 2011, I. 1224).

Uma característica atribuída recorrentemente à subjetividade do trabalhador industrial, exemplificada em *Tempos Modernos* de Chaplin, é o automatismo dos movimentos, decorrente da atenção disciplinar, centrada em atividades repetitivas impostas pela máquina. Em seu ensaio sobre a cultura do déficit de atenção, TÜRCKE (2016) mostra como "operários de fábrica foram usados para ajustar os movimentos de seus organismos ao movimento esquematizado das máquinas. Máquina alguma se deixa manipular sem que seus operados acabem se equiparando a seu programa, a seu movimento" (TÜRCKE, 2016, p. 27-28). Contudo, se as



novas tarefas produtivas exigem uma atenção disciplinar, as novas tarefas espetaculares promovem justamente o contrário: a distração surge como resultado do crescimento do tráfego urbano, dos cartazes publicitários, do desenvolvimento de novas mídias, enfim, da “*intensificação da vida nervosa*” nas grandes cidades (SIMMEL, 2005, p. 577, grifo do autor). Ou seja, atrás da fachada de movimentos repetitivos, brutalizados pelo cotidiano do trabalho industrial, havia uma percepção nervosa, animada por choques de imagem. É assim que podemos compreender a ambiguidade da multidão urbana descrita no famoso ensaio de Benjamin (2000) sobre os temas de Baudelaire. Se os brinquedos de um parque de diversão ilustram (e também ocupam nas horas de lazer) os movimentos condicionados dos trabalhadores sem formação – “o que o *Lunapark* realiza com seus brinquedos oscilantes, giratórios e diversões similares não é senão uma amostra do condicionamento a que se encontra submetido o operário não-especializado na fábrica” (BENJAMIN, 2000, p. 126) –, o tráfego movimentado e o filme representam um ambiente carregado de estímulos:

O mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inerções fazem-no estremecer em rápidas sequências, como descargas de uma bateria. Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia elétrica. E, logo depois, descrevendo a experiência do choque, ele chama esse homem de ‘um caleidoscópio dotado de consciência’. Se, em Poe, os passantes lançam olhares ainda aparentemente despropositados em todas as direções, os pedestres modernos são obrigados a fazê-lo para se orientar pelos sinais de trânsito. A técnica submeteu, assim, o sistema sensorial a um treinamento de natureza complexa. Chegou o dia em que o filme correspondeu a uma nova e urgente necessidade de estímulos. No filme, a percepção sob a forma de choque se impõe como princípio formal. Aquilo que determina o ritmo da produção na esteira rolante está subjacente ao ritmo da receptividade, no filme (BENJAMIN, 2000, p. 124-125).



Mais uma vez notamos como os três processos – divisão do trabalho, especialização dos sentidos e desenvolvimento da mídia – são, na verdade, um mesmo processo geral determinado pelas necessidades da produção industrial. Isso não significa que eles seguem o mesmo caminho. Na verdade, no caso do argumento de Benjamin, melhor desenvolvido em seu ensaio sobre a reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1987), o cinema se apresentava como um processo opositor, pois, por meio do choque, ele oferecia “aquela ‘intensificada presença de espírito’, da qual o proletariado necessitava com urgência para se tornar capaz de revolucionar a sociedade capitalista” (TÜRCKE, 2016, p. 30). Contudo, como mostra TÜRCKE (2016), a força do choque diminuiu quando as telas tornaram-se onipresentes, sem diminuir, entretanto, o poder fisiológico das imagens.

### **3 Percepção, atenção e trabalho flexível**

A partir do argumento de Benjamin sobre a experiência perceptiva da modernidade, Manovich questiona: “Quais seriam os equivalentes do filme e da esteira rolante para a experiência perceptiva da pós-modernidade? Os equivalentes mais diretos são um jogo de computador do tipo arcade e um simulador de treinamento militar” (MANOVICH, 1995, p. 1). Contudo, ao contrário do argumento de Benjamin, o jogo de computador não aponta para um processo opositor como o filme: na verdade, para Manovich (1995), ambos os processos – trabalho e entretenimento – fornecem os mesmos estímulos e compartilham a mesma tecnologia. Não nos interessa refletir sobre a proposta de Manovich a partir das tecnologias pensadas por ele nos anos 1990, até porque a convergência midiática exemplifica essa junção entre trabalho e entretenimento por meio de aparelhos smartphone e plataformas de redes sociais. Mais interessante é pensar como essa junção é própria da reconfiguração do trabalho ocorrida na segunda metade do século XX.



Safatle (2015) pensa essa reconfiguração a partir das manifestações contraculturais: “Visto como o espaço da rigidez do tempo controlado, dos horários impostos, da alienação taylorista e da estereotipia de empresas fortemente hierarquizadas, o trabalho fora fortemente desvalorizado pelos jovens de 68” (SAFATLE, 2015, p. 38). Os manifestos situacionistas apresentam várias críticas ao trabalho, exigindo sua supressão imediata e substituição por um novo tipo de atividade, livre e lúdica (VANEIGEM *et al.*, 2002). Contudo, ao contrário de alcançar seus objetivos, “o resultado de tal crítica teria sido a reconfiguração do núcleo ideológico da sociedade capitalista e a consequente modificação do ethos do trabalho” (SAFATLE, 2015, p. 38). Podemos encontrar esse novo ethos, por exemplo, na ludificação do ambiente de trabalho promovida por várias empresas, em especial aquelas ligadas ao meio digital, visando oferecer autonomia e flexibilidade para seus trabalhadores, mas adotando igualmente formas efetivas de gerenciar o desempenho da produção. Como observa Han (2018), ao transformar o jogo em meio de produção, o capitalismo tardio corrompe seu aspecto lúdico, ao mesmo tempo em que mantém as bases alienantes do trabalho. Podemos dizer, acompanhando Safatle, que “este é um exemplo do esgotamento da ética do trabalho derivada do protestantismo e do advento de um modelo de ética do trabalho derivada da produção estética” (SAFATLE, 2015, p. 39). Ou seja, o gozo como recompensa do esforço é substituído por um esforço gozante.

É claro que esse novo tipo de trabalho, flexível e imaterial, aponta para transformações da percepção. Para Manovich (1995), ao contrário do trabalho industrial, o atual sistema homem-máquina exige que o trabalhador seja primeiramente um observador, atento às informações e pronto para intervir quando necessário. Em alguns casos, essas intervenções acontecem a cada segundo (um analista financeiro monitorando preços de ações); em outros, elas acontecem muito raramente (um operador de metrô). Enquanto o primeiro caso é uma



continuidade da experiência descrita por Benjamin, o segundo é algo inteiramente novo:

O segundo tipo de situação, contudo, aponta para outra experiência de trabalho, nova para a sociedade pós-industrial: o trabalho enquanto esperar por algo acontecer. Um operador de radar esperando por um pequeno ponto aparecer na tela; um técnico monitorando uma fábrica automatizada, estação de energia ou reator nuclear, sabendo que uma falha do sistema acabará por se manifestar, emitindo um sinal vermelho em um dos vários mostradores... (MANOVICH, 1995, p. 2-3).

O exemplo acima parece descrever uma situação envolvendo pouco esforço perceptivo e cognitivo, acionando movimentos e reações somente em momentos críticos. Muito distante da situação do trabalho industrial descrita anteriormente, onde o sistema perceptivo, sobrecarregado por estímulos constantes, mas invariáveis, exige a especialização dos sentidos, principalmente por meio da atenção disciplinar. Contudo, a situação acima, característica do trabalho flexível e imaterial, também exige um tipo específico de atenção, assim descrito por Negt e Kluge (1993):

Assim, por exemplo, tarefas de supervisão e regulamentação exigem uma visão geral de todas as possibilidades de mudança dentro do aparato geral. Esse tipo de tarefa não exige apenas uma percepção sensorial especializada. A resposta às luzes de controle, à interrupção de procedimentos individuais, à leitura de instrumentos, e assim por diante, constitui uma combinação sensorial contrária à especialização necessária para sequências de trabalho individuais. Essa atenção é especializada e holística ao mesmo tempo. Pressupõe que as atividades individuais sejam executadas com precisão, que as informações individuais sejam percebidas exatamente e que esse processo de trabalho envolva um alto nível de abstração e um monitoramento superficial da situação geral (NEGT; KLUGE, 1993, p. 155).



Essa atenção “especializada e holística ao mesmo tempo” corresponde à atenção dispersa, multitarefa, enfim, a um regime de atenção e distração ainda mais concatenado, pois, se o que caracteriza o trabalho flexível é a junção entre trabalho e entretenimento, então a atenção e a distração também estão juntas, oferecendo, respectivamente, “um alto nível de abstração e um monitoramento superficial da situação geral”. Percebemos assim como a atenção disciplinar, própria do trabalho industrial, não desaparece, mas é colocada em um novo patamar que dificulta sua realização, pois como podemos prestar atenção nos detalhes se também devemos enxergar o quadro geral? Não é preciso dizer que o inverso também é verdadeiro: como podemos nos render a uma atenção disciplinar se os detalhes nos exigem perder de vista o quadro geral? Também é nesse contexto, do trabalho imaterial e flexível, que novas mídias se desenvolvem, pois elas exigem o mesmo tipo de atenção: no caso das redes sociais, por exemplo, há uma atenção específica ao conteúdo dos *posts*, mas sem perder de vista o fluxo geral do *feed* de notícias.

Do mesmo modo que a administração científica de Taylor conduziu as mudanças perceptuais necessárias para o aprimoramento do trabalho industrial, um novo conjunto de disciplinas acompanhou o trabalho flexível e imaterial. Para Manovich (1995), o Taylorismo, bem como os estudos de movimento e o behaviorismo, cederam lugar para ciências cognitivas, como a engenharia psicológica (ergonomia cognitiva) e os estudos de processamento de informação (psicologia cognitiva). “Em resumo, com a transformação da sociedade industrial em sociedade pós-industrial, as disciplinas de eficiência do corpo foram substituídas por disciplinas relacionadas ao novo instrumento de trabalho – a mente” (MANOVICH, 1995, p. 3-4). Ainda segundo o autor, o Taylorismo não diz respeito à mente, ao contrário, ele rouba dos trabalhadores qualquer entendimento e responsabilidade sobre o planejamento e concepção das atividades. Do mesmo modo, o behaviorismo não visa ao condicionamento da mente,



mas do comportamento; daí que, “nos anos 1950, a psicologia cognitiva começa a substituir o behaviorismo dominante. Desde então, o que interessa os psicólogos são as funções mentais: percepção, atenção, compreensão textual, memória e raciocínio lógico [problem solving] (MANOVICH, 1995, p. 6). Na verdade, ainda que a ênfase comportamental seja evidente ao longo da primeira metade do século XX, isto não significa que as faculdades mentais estavam fora do escopo da psicologia. Pelo contrário, no caso da atenção, já sabemos de sua importância para o surgimento da psicologia científica: “A atenção não foi apenas um dos temas examinados experimentalmente pela psicologia do final do século XIX, mas também constitui a condição fundamental de seu conhecimento” (CRARY, 2014, p. 49). Sobre o behaviorismo, também é necessário esclarecer que, “apesar das disputas terminológicas, todo o corpo de pesquisas em torno de estímulo e resposta baseou-se na capacidade de atenção de um sujeito humano (ou mesmo animal)” (CRARY, 2014, p. 57). Ou seja, o uso da distinção cartesiana entre mente e corpo para separar trabalho industrial e pós-industrial é bastante questionável, como também é a própria distinção entre trabalho industrial e pós-industrial, enfatizando as mudanças tecnológicas em detrimento da mesma exploração da força de trabalho, ainda que embasada em novas técnicas de disciplina do trabalho.

Não por acaso, entre os pioneiros da ciência cognitiva, Manovich (1995) cita Herbert Simon, um continuador da administração científica de Taylor, reconhecido atualmente como o pai da economia da atenção. E também não causa surpresa encontrar no pensamento de Simon a antiga preocupação capitalista: “[Seres humanos] podem fazer apenas uma coisa por vez. Isto é apenas outra forma de dizer que a atenção é escassa. (...) A escassez de atenção num mundo rico em informação pode ser mensurada em termos de tempo de execução humano” (SIMON, 1971, p. 41). Ou seja, do mesmo modo que a administração científica de Taylor buscou a série mais eficaz de movimentos para executar uma atividade



em menos tempo, a economia da atenção busca “alocar essa atenção de forma eficiente entre as fontes de informação superabundantes” (SIMON, 1971, p. 41), visando igualmente executar uma atividade em menos tempo. É por isso que o mito da atenção multitarefa surge como um *graal* entre os defensores da economia da atenção, contradizendo a própria noção fundadora de escassez de atenção (a capacidade humana de fazer apenas uma atividade por vez). Como diz Gitlin (2003) a respeito da atenção multitarefa, trata-se “de esticar o tempo, de transformar sequência em quase simultaneidade” (GITLIN, 2003, p. 155). Uma atividade por vez torna-se todas as atividades ao mesmo tempo. Nesse sentido, como veremos no próximo tópico, o papel da mídia é bastante pedagógico.

#### **4 Mídia e pedagogia da atenção**

Em *Hyper and deep attention: the generational divide in cognitive modes*, como o próprio título sugere, a conhecida pensadora do pós-humanismo, Katherine Hayles, busca classificar a atual geração a partir de um tipo de atenção (“*hiper*”), diferenciando-a da geração anterior, também classificada por um tipo de atenção (“profunda”). Segundo Hayles (2007),

A mudança dos estilos cognitivos pode ser vista no contraste entre atenção profunda e hiperatenção. A atenção profunda, estilo cognitivo tradicionalmente associado às humanidades, é caracterizado por se concentrar em um único objeto durante períodos longos (digamos, um romance de Dickens), ignorando estímulos externos, preferindo um único fluxo de informação e tendo uma alta tolerância para manter o foco por bastante tempo. A hiperatenção é caracterizada por alternar o foco rapidamente entre as diferentes tarefas, preferindo múltiplos fluxos de informação, buscando um alto nível de estimulação e tendo uma baixa tolerância ao tédio. O contraste entre os dois modos cognitivos pode ser capturado em uma imagem: imagine uma estudante do segundo ano, mergulhada em *Orgulho e Preconceito*, com as



pernas apoiadas em uma poltrona, alheia ao irmão de dez anos sentado em frente a um console, mexendo em um joystick enquanto joga *Grand Theft Auto* (HAYLES, 2007, p. 187-188).

Não por acaso, para enfatizar a diferença entre os dois tipos de atenção, Hayles exemplifica a partir de duas experiências midiáticas distintas, o que nos remete à conhecida divisão entre meios quentes e meios frios proposta por McLuhan (1969). De acordo com ele, a relação inversamente proporcional entre o grau de informação e o grau de participação da audiência é o que define um meio quente ou frio, pois enquanto os meios quentes são mais informativos, oferecendo assim poucas oportunidades de participação, os meios frios são menos informativos, logo, mais abertos à participação. Nas palavras de McLuhan (1969, p. 38), “a fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência”. Ou seja, dependendo do grau de informação, um meio oferece muitas ou poucas lacunas a preencher, interferindo assim no grau de participação da audiência. No caso do exemplo de Hayles, o livro é um meio quente, pois, devido ao alto grau de informação, ele exige uma atenção profunda, pouco participativa, limitada a um único fluxo de informação; por outro lado, o videogame é um meio frio, pois, devido ao alto grau de participação, ele exige uma hiperatenção rasa, mas capaz de lidar com múltiplos fluxos de informação. Contudo, para além da tipologia, o que importa para McLuhan (e Hayles) é perceber como diferentes meios produzem diferentes efeitos sobre seus usuários. Esse argumento, que McLuhan sugere “naturalmente” (MCLUHAN, 1969, p. 38), é a base para Hayles estabelecer as diferenças entre estilos cognitivos e, portanto, entre as gerações. Naturalizamos assim também as práticas capitalistas, sem compreender o papel das mídias em um contexto histórico geral.



Da perspectiva evolucionária, Hayles (2007) mostra como a hiperatenção antecede a atenção profunda. Nesse ponto, a hiperatenção se aproxima da atenção multitarefa, pois, como também mostra Han (2015),

[...] o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo (...). Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem (HAN, 2015, p. 32).

Contudo, se a atenção multitarefa avançada se aproxima da hiperatenção primitiva, não podemos identificar tão facilmente a mesma proximidade entre atenção profunda e atenção disciplinar, ainda que ambas resultem da domesticação dos sentidos. Isto porque elas apontam para diferentes propósitos: enquanto a atenção profunda é a base perceptual dos objetivos humanistas de esclarecimento e contemplação, a atenção disciplinar é a base perceptual da produção industrial. Na verdade, podemos dizer que a atenção profunda é a etapa necessária para a posterior educação dos sentidos promovida pelo trabalho industrial, visando desta vez uma atenção disciplinar. É por isso que também não podemos defender ingenuamente a atenção profunda ou contemplativa, como faz Han.

A solução de Hayles (2007) para o suposto problema geracional da atenção está em desenvolver um sistema de educação que consiga integrar ambas as formas de atenção. Mais uma vez, Hayles parece resolver um problema proposto originalmente por McLuhan quando dizia que “há um mundo de diferença entre o moderno ambiente do lar de informação elétrica integrada e a sala de aula” (MCLUHAN; FIORE, 1969, p. 46). Contudo, por que deveríamos extinguir esse “mundo de diferença”? Na verdade, o problema geracional da atenção se perde se



nos ativermos apenas às formas de atenção e não entendê-las a partir das práticas capitalistas, pois ambas as formas serviram e servem à exploração da força de trabalho. Enquanto a atenção profunda e a posterior atenção disciplinar serviram ao trabalho industrial, o retorno da hiperatenção na forma de atenção multitarefa, sem abandonar a atenção profunda, serve perfeitamente ao trabalho flexível e imaterial, produzindo o que Negt e Kluge (1993) identificaram como uma atenção simultaneamente especializada e holística, combinando um alto nível de abstração e um monitoramento superficial do contexto geral.

As considerações acima esclarecem quais são os verdadeiros interesses em torno do pensamento evolucionário pós-humanista. Hayles (2007) cita, por exemplo, um estudo sobre o efeito de jogos de computador em crianças de quatro a seis anos: "Os resultados sugerem que a estrutura do cérebro altera devido ao uso de jogos de computador em certas idades; eles também sugerem que o estímulo midiático, caso seja estruturado apropriadamente, pode contribuir para uma combinação sinérgica entre hiperatenção e atenção profunda" (HAYLES, 2007, p. 193). Mas para quem essa estrutura do estímulo midiático é apropriada? A resposta surge nos seguintes termos:

Embora essas ideias permaneçam no reino da ficção científica, não é exagero imaginar que a tendência da hiperatenção representa a coevolução cultural do cérebro em conjunto com ambientes de alta velocidade, sobrecarregados de informações e em constante mudança, que tornam a alternância flexível de tarefas e o processamento rápido de múltiplos fluxos de informação, bem como um baixo limiar para o tédio, mais adaptativo caso comparado à preferência por se concentrar em um único objeto com a exclusão de estímulos externos (HAYLES, 2007, p. 194).

Sem abordar o problema do tédio, experiência pouco tolerada nos dias de hoje, mas definidora da espécie humana – já discutimos esse problema em outra oportunidade (LONDERO, 2017) –, percebemos como



o velho argumento evolucionário ratifica as transformações em curso, impedindo qualquer questionamento sobre as necessidades históricas que pressionam essa “coevolução cultural do cérebro”. É claro que em algum momento a verdade precisa aparecer, quando, por exemplo, Hayles cita mais uma pesquisa sobre jogos eletrônicos: “A lição não foi perdida pela Federação de Cientistas Americanos, que encomendou uma força-tarefa sobre jogos educacionais. A força-tarefa concluiu que os videogames ensinam habilidades essenciais para empregos produtivos em uma sociedade rica em informações” (HAYLES, 2007, p. 195). Ou seja, o interesse evolucionário pós-humanista, assentado em uma aparente singela defesa dos jogos eletrônicos, reside em aperfeiçoar o trabalhador para as atuais demandas produtivas. Nesse ponto, o encontro entre trabalho e entretenimento, próprio do *ethos* contemporâneo, recebe uma nova luz, pois o entretenimento torna-se treinamento.

## 5 Considerações finais

A proposta de Hayles (2007), não por acaso bastante alinhada ao pensamento McLuhaniano, mostra não apenas os perigos do determinismo tecnológico, destacando as mudanças perceptivas como decorrentes do desenvolvimento das mídias, mas vai além ao reapresentá-los como um novo darwinismo social, doutrina característica do capitalismo selvagem da segunda metade do século XIX: somente os benefícios da hiperatenção são capazes de nos adaptar a um mundo sobrecarregado de informações e mudanças constantes. Aqueles apegados à atenção profunda – “estilo cognitivo tradicionalmente associado às humanidades”, não podemos esquecer essas palavras – estão condenados à extinção em um mundo onde somente os mais fortes e adaptados sobrevivem. É claro que não se trata de uma simples substituição, pois, para o trabalho flexível e imaterial, uma combinação entre as duas formas de atenção é mais proveitosa. Contudo, da mesma forma que a junção entre trabalho e



entretenimento resulta na instrumentalização dos aspectos lúdicos do jogo, a retomada da hiperatenção resulta na instrumentalização da atenção profunda. O mercado dos gurus do *mindfulness*, ou atenção plena, demonstra muito bem esse processo em andamento.

Na verdade, propondo-se como uma técnica de saúde mental diante das demandas estressantes da vida profissional, o *mindfulness* destaca a tese de Crary (2014) sobre a centralidade do problema da atenção, cada vez mais levado ao limite. Nesse caso, os limites são o próprio corpo e mente do trabalhador, pouco respeitados pelas classes dominantes em sua exploração da força de trabalho:

Taylor era impaciente com as limitações do corpo; agora há uma impaciência similar com as limitações da capacidade humana de processar informações. Com Taylor, era uma questão de acelerar os movimentos musculares; agora, é uma questão de tempo de reação: o tempo mínimo em milissegundos para um operador detectar um sinal, identificá-lo e apertar um botão (MANOVICH, 1995, p. 10).

Contudo, se já não temos capacidade de acompanhar o tempo de reação demandado por tarefas cada vez mais rápidas, então é certo que, no universo do trabalho flexível e imaterial, também seremos substituídos por máquinas, como bem antecipou Virilio (1994) em seu ensaio sobre máquinas de visão. Portanto, este estudo sobre as relações entre percepção, mídia e trabalho pode desvelar um horizonte próximo, onde essas relações deixam de existir devido ao fim de uma de suas variáveis. Acreditamos que a variável em questão seja o trabalho, mas nada impede que, antes do fim da exploração da força de trabalho, a percepção e as mídias sejam levadas a patamares irreconhecíveis, alcançando um ponto de singularidade que, para os entusiastas pós-humanistas, parece mais real que a organização revolucionária da sociedade. Se o fim do capitalismo ainda é duvidoso, não podemos dizer o mesmo sobre o fim da



humanidade. E talvez somente assim o capitalismo dentro de nós deixará de existir.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Obras Escolhidas v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Sobre alguns temas em Baudelaire**. Obras Escolhidas v. 3. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CATALÀ-DOMENÈCH, Josep M. **A forma do real**: introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2011.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção**: atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAYLES, N. Katherine. Hyper and Deep Attention: The Generational Divide in Cognitive Modes. **Profession**, p. 187-199, 2007.

JAMES, William. **The Principles of Psychology**. Chicago: Enciclopaedia Britannica, 1952.

JAMESON, Fredric. **Marxism and Form**: Twentieth-Century Dialectical Theories of Literature. Princeton: Princeton University Press, 1974.

LONDERO, Rodolfo Rorato. "Bem-vindo à próxima fase": a cultura do choque e o fim do tédio. **Ação Midiática**, Curitiba, n. 14, p. 291-305, 2017.

LOWE, Donald M. **History of Bourgeois Perception**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

MANOVICH, Lev. **The Labor of Perception**. 1995. Disponível em: [http://manovich.net/content/04-projects/007-the-labor-of-perception/05\\_article\\_1995.pdf](http://manovich.net/content/04-projects/007-the-labor-of-perception/05_article_1995.pdf). Acesso em: 29 ago. 2020.



MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2011. E-book.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O meio são as massa-gens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NEGT, Oskar; KLUGE, Alexander. **Public Sphere and Experience**: Toward an Analysis of the Bourgeois and Proletarian Public Sphere. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

SAFATLE, Vladimir P. O trabalho do impróprio e os afetos da flexibilização. **Veritas**, Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 12-49, jan./abr. 2015.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

SIMON, Herbert. Designing Organizations for an Information-Rich World. *In*: GREENBERGER, Martin (Org.). **Computers, communications, and the public interest**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1971. p. 37-72.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. *In*: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

VANEIGEM, Raoul [*et al.*]. **Situacionista**: teoria e prática da revolução. Tradução de Francis Wuillaime. São Paulo: Conrad, 2002.

VIRILIO, Paul. **The Vision Machine**. London: British Film Institute, 1994.



WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZERZAN, John. **Correndo no vazio**: o fracasso do pensamento simbólico. Ponta Grossa: Monstro dos Mares; Contraciv, 2016.